

Os *otyahaliti*, conhecimento cultural e etnoterminologia da fauna em Paresi (Aruák)

The otyahaliti, cultural knowledge and etnoterminology of fauna in Paresi (Aruák)

Amanda Medeiros Costa de MESQUITA*
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Ana Paula Barros BRANDÃO**
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: A Etnoterminologia estuda os termos observados nos discursos de especialidade de uma comunidade tradicional. Em cada contexto étnico, haverá etnotermos culturais comunitariamente variáveis. Diante disso, este estudo apresenta questões relativas à elaboração de um glossário etnoterminológico bilíngue, a partir dos termos presentes no campo semântico da fauna que emergem dos discursos de especialistas da língua e povo Paresi, língua indígena pertencente à família linguística Aruák, composta por uma população de aproximadamente 3.000 pessoas, localizada no estado do Mato Grosso. Esta discussão está ancorada nos pressupostos da Socioterminologia e da Etnoterminologia. Os dados para análise foram obtidos a partir de viagem de campo à comunidade em que a língua é falada. Este estudo ajudará no processo de descrição e documentação linguística das línguas indígenas brasileiras no âmbito da Etnoterminologia, bem como contribuirá para fins de inserção de dados no banco de dados da língua, como forma de registro e documentação.

PALAVRAS-CHAVE: Etnoterminologia. Fauna. Glossário. Paresi.

* Graduada em Letras -Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGLUFPA). Bolsista do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) E-mail: amanda.mesquita@ilc.ufpa.br

** Professora adjunta da Faculdade de Letras e da Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA). E-mail: apbrandao@ufpa.br

ABSTRACT: Ethnoterminology studies the terms observed in the specialty discourses of a traditional community. In each ethnic context, there will be communally varying cultural ethnoterms. Therefore, this study presents questions related to the elaboration of a bilingual ethnoterminological glossary, based on the terms present in the semantic field of fauna that emerge from the speeches of experts of the Paresi language and people, an indigenous language belonging to the Aruák linguistic family, composed of a population of approximately 3,000 people, located in the state of Mato Grosso. This discussion is anchored in the assumptions of Socioterminology and Ethnoterminology. Data for analysis were obtained from a field trip to the community where the language is spoken. This study will help in the process of linguistic description and documentation of Brazilian indigenous languages within the scope of Ethnoterminology, as well as contributing to the insertion of data in the language database, as a form of registration and documentation.

KEYWORDS: Ethnoterminology. Fauna. Glossary. Paresi.

Introdução

Nas últimas décadas, os estudos linguísticos realizados com línguas indígenas têm apresentado um crescimento exponencial, todavia, são poucas as línguas que foram descritas para além do nível morfofonológico e apresentam um estudo semelhante ao que iremos apresentar. Entre alguns desses trabalhos estão os das línguas: Apurinã (Aruák)

¹, descrita em Lima - Padovani (2016; 2020) em que constatamos uma extensa descrição dos aspectos sociolinguísticos da referida língua; da língua Parkatêjê (tronco Macro-Jê, família Jê)², descrita em Reis (2017) em que observamos uma rica descrição acerca da Socioterminologia das plantas medicinais e da língua Mundurukú (Tupi), descrita em Costa (2013; 2017) em que verificamos uma ampla discussão acerca da Etnoterminologia empregada no sistema de cura e cuidados da referida língua e povo. À vista deste cenário, a discussão proposta por este artigo é um recorte de um trabalho de mestrado que ainda será defendido, que tem por objetivo documentar e descrever os termos de especialidade encontrados no campo semântico da fauna de uma comunidade

¹Língua indígena pertencente à família linguística Aruák, falada por uma comunidade de mesmo nome localizada às margens de vários afluentes do rio Purus, no sudoeste do Estado do Amazonas.

²Língua indígena falada por um povo de mesmo, pertencente ao tronco Macro-Jê, família Jê, localizada na Terra Indígena Mãe Maria, no município de Bom Jesus do Tocantins, no estado do Pará.

indígena. O uso destas formas compõe o discurso de especialidade empregado por grupos específicos da comunidade Paresi, compostos por pajés, cantores e contadores de narrativas orais, considerados amplos detentores dos conhecimentos ancestrais.

Como produto desta discussão, apresentamos uma versão inicial de um glossário etnoterminológico bilíngue da fauna da língua Paresi, elaborado a partir dos pressupostos teórico-metodológicos estabelecidos pela Socioterminologia (GAUDIN, 1993; FAULSTICH 1995; 2001; 2010) e pela Etnoterminologia (COSTA E GOMES, 2011; COSTA (2013; 2017)). Esperamos, dessa forma, contribuir tanto para a documentação, quanto para a descrição e conhecimento das línguas indígenas brasileiras no âmbito da Etnoterminologia. O glossário, em processo de elaboração, é composto por 216 etnotermos que foram coletados através de pesquisa de campo e itens extraídos do banco de dados lexical existente sobre a língua. A pesquisa de campo foi realizada principalmente na Terra Indígena Formoso.

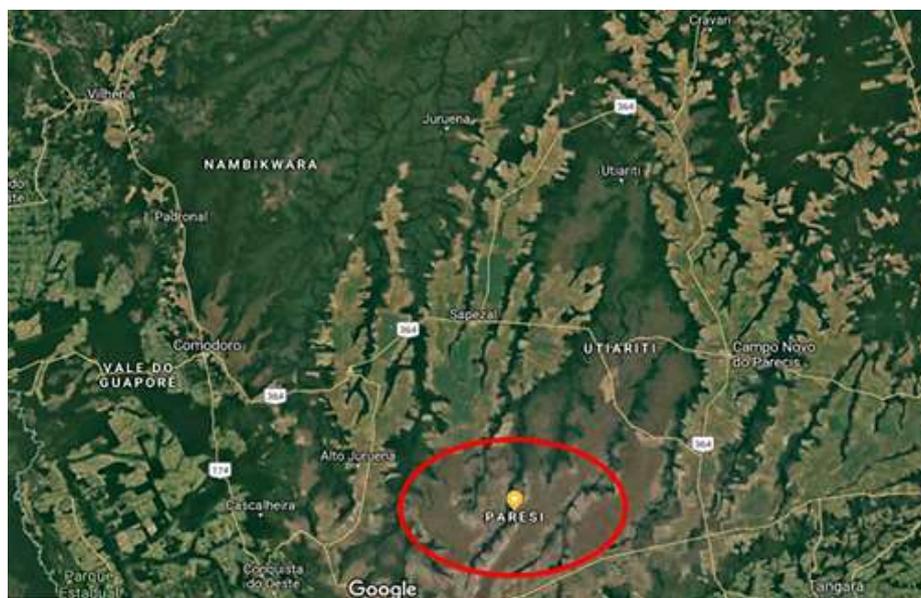
Esta discussão encontra-se organizada em cinco seções. A primeira seção visa expor um breve panorama acerca das informações relativas ao povo e à língua Paresi. Por sua vez, a segunda seção dedicar-se-á à explanação acerca dos subsídios teóricos utilizados para fomentar este estudo. Em seguida, a terceira seção busca evidenciar os princípios metodológicos empregados no desenvolvimento deste estudo. Logo após, a quarta seção dedica-se à exposição acerca de informações relativas ao discurso especializado dos *otyahaliti*. A seguir, a quinta seção elucidará a proposta inicial do glossário etnoterminológico da fauna da língua Paresi (Aruák). Afinal, seguem-se as considerações finais obtidas a partir da realização desta discussão e as principais referências utilizadas para fomentar este estudo.

1 Informações relativas à língua e povo Paresi

O Paresi é uma língua indígena pertencente à família linguística Aruák, falada por uma comunidade de mesmo nome localizada em nove terras indígenas (BRANDÃO, 2014), no estado do Mato Grosso, na faixa do cerrado amazônico, a aproximadamente 500 km da capital Cuiabá. Atualmente os Paresi somam uma população de aproximadamente 3.000 pessoas, sendo aproximadamente 90% desta, falantes da língua e bilíngues (em sua maioria), sendo a língua materna, a língua principal em um número

considerável de comunidades, a exemplo da comunidade Rio Formoso. Na comunidade Rio Formoso, localizada na Terra Indígena Rio Formoso (ao sul do território Paresi), constatamos fortemente um alto grau de bilinguismo e fluência em língua materna e português, sendo a língua materna, a principal e mais utilizada por todos os membros da comunidade, desde a mais tenra idade e em diferentes contextos comunicativos. Por outro lado, há um número pequeno de comunidades onde o português é a primeira língua e o Paresi está sendo aprendido como segunda língua, a exemplo da Comunidade *Wazare*, localizada na Terra Indígena Utiariti (porção norte do território Paresi). Nesta comunidade, localizada nos municípios de Campo Novo dos Parecis e Sapezal (MT), é possível observar o uso quase exclusivo da língua Portuguesa em diferentes contextos comunicativos por uma parcela significativa da comunidade e o uso da língua materna em alguns contextos, em virtude de processo de revitalização. Esta pesquisa foi empreendida na região da Terra Indígena do Rio Formoso, localizada no município de Tangará da Serra – MT. Atualmente, na TI Rio Formoso localizam-se as seguintes comunidades: JM (*Korehete*), Cachoeirinha (*Wamolotse*), Jatobá, Formoso (*Hohako*), Formoso II e Queimada (*Koteroko*).

Figura 01: Mapa com a localização do povo Paresi



Fonte: Pereira (2018)

Consoante as narrativas Paresi, o povo está subdividido em cinco subgrupos étnicos, que ocupavam territórios distintos: *Kaxíniti*, *Wáimare*, *Kozárene*, *Warére* e *Káwali*. Em viagem de campo realizada a alguns anos, Lima-Sosinho (2018), verificou que a organização social dos Paresi sofreu algumas alterações no decorrer dos anos. Um exemplo disso, é o casamento interétnico entre membros de subgrupos diferentes (prática considerada imprópria). Contudo, atualmente a miscigenação é tão comum em algumas comunidades, a ponto de não ser mais possível identificar um indivíduo como pertencendo a um determinado subgrupo étnico. Nesse novo contexto, as marcas linguísticas de cada subgrupo já não são tão aparentes. Esse aspecto parece estar relacionado com a variação geográfica, pois, em algumas aldeias predominam alguns subgrupos que ainda existem, fazendo com que um determinado dialeto sobressaia na comunidade. No Rio Formoso (uma das comunidades em que atuamos), predominam os subgrupos *Waimare* e *Kaxiníti*, já na comunidade Rio Verde, predominam os descendentes dos subgrupos *Kozarene-Enomaniere*.

Os primeiros estudos relacionados à documentação da língua datam da metade e final do século XIX, são eles: Rowan e Burgess, (1969) [2009] e, Rowan e Rowan, (1978) [2001]), os quais apresentam uma descrição acerca de determinados aspectos da língua e uma proposta de dicionário preliminar baseada na variedade utilizada na Terra Indígena Utiariti. Estudos atuais podem ser verificados nos postulados de Silva (2009, 2013); Brandão (2010; 2014); Lima - Sosinho (2017; 2018), Pereira (2017), Sousa (2017), Mesquita (2016; 2017; 2018) e Mesquita, Lima-Sosinho e Brandão (*no prelo*). Além destes, há trabalhos realizados por Paresis, provenientes do curso de Licenciatura Indígena Intercultural, da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), a exemplo de Kezomae (2006)³ e Eazokemae (2006).

Em relação aos colaboradores deste estudo, eles são os chamados de *otyahaliti* ‘sábios’, pois exercem funções como pajé, cantor e contador de narrativas orais. Sabe-se que na sociedade Paresi, a concepção de pajé está atrelada a uma figura de extrema relevância para a comunidade. Este é descrito como o indivíduo possuidor de um amplo conhecimento acerca das plantas medicinais (folhas e raízes) empregadas na cura de enfermidades naturais e espirituais, além de ser responsável por intermediar a relação com

³ Estudo publicado por um professor indígena da comunidade Rio Verde.

os *otyahaliti* (termo também usado para os espíritos) por meio de sonhos, *fehanalitya* (rezas), cânticos sagrados, oferendas e bênçãos (conhecidos por um número reduzido de pajés e anciãos) utilizadas no processo de cura de doenças e outros males espirituais dos doentes.

Por sua vez, os cantores são descritos como exímios conhecedores das músicas ancestrais, responsáveis por atuarem em todas as ocasiões em que seu canto e música são importantes, a exemplo da festa tradicional *oloniti* e em outras festas tradicionais específicas do seu povo.

Por fim, os contadores de narrativas orais são descritos como amplos detentores dos saberes específicos de sua comunidade, sendo esta prática restrita a grupos específicos da sociedade Paresi, a exemplo do pajé e cacique, considerados os mais sábios e especialistas na arte de falar. Estes serão explorados com mais detalhes no decorrer desta discussão.

Esta seção buscou apresentar um breve panorama acerca das informações relativas à língua, povo e cultura Paresi. A próxima seção será dedicada à exposição dos principais subsídios teóricos empregados na fomentação desta discussão.

2 Enfoques teóricos

Esta seção visa expor informações relativas ao arcabouço teórico utilizado no desenvolvimento deste estudo. Iniciamos com uma breve exposição acerca dos pressupostos da Terminologia, com atenção à Teoria Geral da Terminologia (TGT) (cf. seção 2.1). Em seguida, expomos a mudança de paradigma acarretada pelo surgimento da Socioterminologia a partir dos estudos desenvolvidos em Gaudin (1993) e Faulstich (1995; 2001; 2010), e da Etnoterminologia fundamentada a partir dos estudos outrora desenvolvidos em Costa e Gomes (2011) e Costa (2013; 2017).

2.1 A perspectiva tradicional da Teoria Geral da Terminologia

Estudos apontam que a Terminologia foi estabelecida como disciplina a partir de 1931, com a publicação da Tese *Internationale Sprachnormung in der Technik* (defendida

em 1930) pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster, considerado o “pai da terminologia moderna” (GAUDIN, 1993, p. 24). Este estudo consistia na padronização e normalização dos termos empregados na engenharia eletrotérmica e apresentava como objetivo central alcançar a univocidade comunicacional profissional no âmbito internacional, tendo em vista que o constante desenvolvimento científico e tecnológico está atrelado à criação de novas terminologias (BARROS, 2004, p. 53-54). A partir dessa concepção, percebe-se que a proposta wüsteriana visava a padronização dos termos, considerando-os elementos distintos do léxico comum. Barros (2004, p. 53) ressalta que o princípio norteador da proposta elaborada por Wüster visava a univocidade do termo, ou seja, “[...] um único termo pode designar um conceito [...]”, a eliminação da ambiguidade, univocidade e a universalidade do léxico especializado, sendo estes, dissociados do discurso, acarretando assim o desprezo à variação linguística presente em todas as línguas ao redor do mundo.

Com base nesta breve exposição, percebe-se que em seus primórdios, a Terminologia apresentava-se como uma corrente estritamente prescritiva e normativa, ao definir rigidamente a noção de termo e excluir deste qualquer indício de variação. Desta forma, os principais postulados desta corrente podem ser delimitados a partir dos seguintes pontos: univocidade semântica do termo; diferenciação entre linguagem comum e linguagem de especialidade; universalidade do termo e exclusão da variação e dissociação do discurso em que o termo é produzido. Consoante a Gaudin (1993) e Barros (2004), embora a proposta elaborada pelo estudioso austríaco tenha possibilitado uma certa aproximação com a linguística, esta também se distanciou dos estudos linguísticos realizados à época, tendo em vista que a TGT dissociava o termo do contexto discursivo em que este era produzido. Conforme Gaudin (1993), “Tal visão corresponde às finalidades da normalização, mas não à realidade linguística [...]”. (GAUDIN, 1993, p. 26) 12.

Face a este cenário, surgem a partir da década de 90, novas perspectivas - a exemplo da Socioterminologia e da Etnoterminologia, com bases teóricas-metodológicas contrárias à TGT, que passaram a compreender a terminologia e o termo para além do aspecto normativo, concebendo-o assim a partir dos aspectos pragmáticos, históricos e socioculturais inerentes à linguagem humana e ao uso da língua. Cabe frisar que embora tenham surgido novas propostas teórico-metodológicas, a TGT ainda se configura como um recurso válido a depender dos objetos da pesquisa a ser realizada na área da

Terminologia, sendo amplamente utilizada na elaboração de obras terminográficas como glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados.

2.2 Socioterminologia e a interface sociocultural do termo

Consoante ao exposto anteriormente, a Terminologia desenvolvida a partir dos estudos de Wüster preconizava uma visão normativa do termo que tem colidido com os estudos terminológicos descritivos, os quais vêm apontando no decorrer dos anos as limitações presentes na proposta wüsterina. Dentre estes estudos, tem-se observado as contribuições provenientes de François Gaudin (1993), Gambier (1993) e Boulanger (1991), os quais contribuíram para o surgimento e estabelecimento de uma nova perspectiva que passou a reconhecer e valorizar os aspectos sociais presentes nas linguagens de especialidade: a Socioterminologia.

Enquanto corrente teórica, a Socioterminologia nasce a partir dos estudos desenvolvidos em Boulanger (1991), ao declarar no artigo "*Une lecture sócio-culturelle de la terminologie*"⁴, que esta nova perspectiva dos estudos terminológicos "vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas" (BOULANGER, 1991, p. 25) em que a Terminologia tradicional estava ancorada. Assim, esta nova vertente dos estudos terminológicos visava evidenciar o estudo do termo a partir das dimensões interativas e discursivas, tendo em vista que, este não pode ser desassociado do contexto linguístico e social em que é produzido.

Consoante a Boulanger (1991) e Faulstich (2001; 2006), a Socioterminologia passou a discutir a terminologia atrelada aos aspectos sociais a partir da publicação da tese "*Por une socioterminologie – des problèmes sémantiques institutionnelles!*", desenvolvida por François Gaudin, em 1993, o qual argumenta que a “[...] socioterminologia deve levar em conta o real funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas linguísticas concernentes”. (GAUDIN, 1993, p. 1). Assim, esta nova vertente busca valorizar o funcionamento das linguagens de especialidade e sua correlação com os fatores sociais na produção dos termos. Desta forma, é possível verificar uma aproximação dos estudos socioterminológicos com os estudos

⁴ BOULANGER, J.-C. **Une lecture socio-culturelle de la terminologie**. Cahiers de linguistique sociale. (18). pp. 13-30. 1991.

sociolinguísticos, o que tem contribuído eficazmente para o estudo do termo especializado dentro do seu uso nos mais diversos contextos, haja vista que é por meio da linguagem que o falante é capaz de representar a realidade linguística a sua volta.

A partir desta visão, depreende-se que a Socioterminologia está além dos padrões normativos impostos pela TGT, pois visa, acima de tudo, associar e valorizar os aspectos comunicativos observados nos termos de especialidade, haja vista que o estudo destes não pode ser desassociado do seu contexto e práticas sociais.

No âmbito do cenário brasileiro, é possível observar as extensas contribuições da pesquisadora Enilde Faulstich, a qual tem proposto a implementação de um método de pesquisa próprio para a Socioterminologia atrelado a sociolinguística, empenhada na — “[...] análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem (FAULSTICH, 2006, p. 29) e com o estudo do termo — sob a perspectiva linguística na interação social [...]”. (FAULSTICH, 2006, p. 29). À vista disso, a socioterminologia visa, conforme verificado ao longo desta seção, investigar as variações terminológicas em consonância com a natureza linguística apresentada pelo termo. Por conta disso, esta vertente dos estudos terminológicos é considerada muito mais que uma disciplina, mais um método de pesquisa. (FAUSTICH, 2010a).

Diante desta breve exposição, pode-se verificar que os estudos socioterminológicos desenvolvidos em Gaudin e expandidos em Faulstich priorizavam os aspectos (em sua completude) social, comunicativo e discursivo das variantes terminológicas que integram os discursos/línguas de especialidade, bem como as variações que deles decorrem, afastando-se portanto progressivamente da Terminologia tradicional (TGT) e progredindo com destino à consolidação dos estudos descritivos e funcionais do vocabulário de especialidade presente em todas as línguas naturais “(...) e, portanto, presente também na comunicação especializada, já que essa ocorre em uma língua natural.” (COSTA, 2013, p. 34).

2.3 Os prenúncios dos estudos etnoterminológicos e a Enoterminologia de Costa e Gomes (2011) e Costa (2013; 2017)

A expressão *Etnoterminologia* foi identificada inicialmente sem referir-se a uma disciplina ou subárea dos estudos terminológicos nos estudos desenvolvidos em Lara (1999), em que o autor elucida a relação existente entre Terminologia e cultura. Para este, toda e quaisquer terminologia é perpassada pelo viés cultural, tendo em vista que ao ser compartilhado com povos falantes de línguas distintas, o termo pode universalizar-se, não perdendo sua base linguística original.

No cenário brasileiro, verificamos o constructo teórico estabelecido pela cientista brasileira especialista na área do léxico, Maria Aparecida Barbosa, da Universidade de São Paulo (USP). No decorrer do desenvolvimento de seus estudos, Barbosa postula a Etnoterminologia como a área que “[...] estuda os discursos etnoliterários, como os de literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, fábulas, lendas, mitos, folclore e os discursos das linguagens especiais com baixo grau de tecnicidade e de cientificidade” (BARBOSA, 2009, p. 1). Neste sentido, a autora visa elaborar um método de análise específico para sua área. É importante ressaltar que embora os postulados estabelecidos pela estudiosa contribuam relevantemente para os estudos linguísticos e terminológicos atuais, estes não se adequam ao que intentamos propor neste estudo, tendo em vista que a Etnoterminologia elaborada em Barbosa enfatiza especificamente os discursos etnoliterários, presentes comumente no gênero cordel, em que é possível observarmos a ocorrência de elementos prototípicos deste gênero.

Notadamente, é possível observar que Barbosa estabelece e considera então o etnotermo como “[...] uma espécie de semitermos ou quase termos com [...] baixo grau de tecnicidade e de cientificidade”. (BARBOSA, 2009, p. 1), dessemelhante à análise proposta por nossa discussão, que compreende os etnotermos presentes no campo semântico da fauna como possuidores de alto grau de tecnicidade e cientificidade. A vista disso, empregamos nesta discussão a concepção estabelecida nos postulados de Costa (2013; 2017) e Costa e Gomes (2011; 2013; 2015), os quais propõem uma Etnoterminologia relativa aos sistemas de cura e cuidado na voz de pajés, parteiras e puxadores de desmentidoras, na língua Mundurukú (Tupi)⁵.

⁵ Língua indígena falada por um povo de mesmo nome pertencente à família linguística Munduruku, tronco Tupi.

Nesta concepção, a Etnoterminologia, assim como a Terminologia, é compreendida como uma ciência do léxico, cujo objeto de estudo reside nos *etnotermos*, concebidos nesta vertente dos estudos terminológicos como itens lexicais verificados nos discursos de especialistas de diferentes comunidades tradicionais. Costa & Gomes (2011) propõem uma Etnoterminologia pautada nos discursos técnicos-científicos, considerando os aspectos étnicos e culturais das comunidades tradicionais, dessemelhantes ao conhecimento oriundo das culturas ocidentais e greco-romanas. Para além disso, compreendemos o termo ou *etnotermo* como “[...] uma unidade linguística que tem valor semântico completo”. (COSTA, 2017, p. 68), podendo este realizar-se como uma palavra, locução, termo composto e sentença. Neste sentido, o etnotermo é verificado em discursos com alto grau de especialidade, representativo dos conhecimentos específicos de especialistas das mais diversificadas áreas. Deste modo, a Etnoterminologia é então descrita como a disciplina responsável pelo estudo, registro e análise dos etnotermos oriundos dos discursos de especialistas de diferentes comunidades, sobretudo aquelas que detêm conhecimentos tradicionais e são estigmatizadas frente as sociedades ocidentais modernas.

Diante do exposto no decorrer destas subseções, cabe salientar que este estudo está ancorado nas perspectivas apresentadas pela Socioterminologia e Etnoterminologia, haja vista que estas consideram e priorizam os aspectos socioculturais dos termos de especialidade (essenciais a elaboração do produto etnominológico apresentado neste estudo), ultrapassando assim os limites impostos pelo viés tradicionalista da Teoria Geral da Terminologia. Este estudo intenta refletir acerca do emprego adequado da terminologia ora proposta a fim de torná-la efetivamente útil para a comunidade envolvida na construção deste estudo terminológico, neste caso, o povo Paresi. Desta forma, a terminologia ora proposta no decorrer deste estudo encontra-se ancorada a partir da produção dos etnotermos que emergem dos discursos de especialistas do povo Paresi, os quais possuem formação nas ocupações que desempenham e gozam de prestígio em suas comunidades. Para este estudo, enfatizamos os especialistas nos saberes tradicionais – denominados sábios, a exemplo dos pajés, cantores e contadores de narrativas orais. Cabe ressaltar que na comunidade Paresi, assim como em outras comunidades tradicionais, há especialistas detentores dos conhecimentos relativos à caça, pesca, artesanato, produção do roçado, entre outros.

3 Procedimentos metodológicos

A metodologia empregada na realização desta pesquisa compreende uma abordagem metodológica composta por um conjunto de recursos pertencentes às diversas perspectivas da pesquisa qualitativa. Esta abordagem é utilizada em outros estudos da área como o de Costa e Gomes (2011; 2013) e parece atender melhor às necessidades da Etnoterminologia apresentada nesta pesquisa, ao valorizar as interações presenciais entre o pesquisador e seu interlocutor (colaboradores), através do estudo *in vivo*. Desta forma, utilizamos no decorrer deste estudo, o método etnográfico, em que o pesquisador se dirige ao local de pertencimento do povo pesquisado e interage com a comunidade e com os colaboradores de sua pesquisa (em nosso caso, com os especialistas da língua e povo Paresi). Desta forma, a geração dos dados linguísticos relativos aos discursos de especialidade empregados pelos especialistas da língua e povo Paresi, ocorreu a partir da ida às comunidades em que a língua é falada, da explicação acerca da importância desta pesquisa para a língua, da anuência das lideranças locais, comunidade e dos colaboradores do nosso estudo e por fim, do contato com os seguintes especialistas: pajé; cantor e contador de narrativas orais, considerados exímios detentores dos conhecimentos ancestrais relativos à língua e cultura do povo Paresi. Para além disso, empregamos neste estudo três dos quatro métodos comumente utilizados em estudos que utilizam a abordagem qualitativa conforme postulado em Silverman (2009), são eles: observação, entrevistas e grupos focais; e gravações em áudio e vídeo.

3.1 Geração de dados

A geração dos dados linguísticos relativos aos discursos de especialidade empregados pelos especialistas da língua e povo Paresi ocorreu a partir de duas viagens de campo a Comunidade Indígena do Rio Formoso, realizadas entre os meses de julho e agosto de 2022 e março de 2023, da explicação acerca da importância desta pesquisa para a língua, da anuência das lideranças locais, comunidade e dos colaboradores do nosso estudo e da aplicação de métodos comumente empregados em pesquisas qualitativas, como por exemplo: observação, entrevistas, gravações em áudio e vídeo e aplicação de questionários compostos por 221 itens lexicais relativos ao campo semântico da fauna, a fim de obtermos informações relativas ao nome do animal na língua, suas características

físicas, habitat, informações antropológicas e culturais, entre outras, e questionários semiestruturados com perguntas relativas aos aspectos antropológicos, culturais e cosmológicos da língua, aplicados junto aos especialistas Paresi.

3.2 Perfil dos colaboradores da pesquisa

A realização deste estudo contou com a participação de dois colaboradores, do sexo masculino, bilíngues em língua materna e português, especialistas em diferentes domínios e possuidores de amplos conhecimentos relativos ao campo semântico da fauna. Estes, desempenham funções específicas dentro da comunidade Paresi. Assim, referimo-nos a estes como os sábios.

O critério estabelecido para escolha dos colaboradores se deu a partir de suas atuações dentro da comunidade Paresi e consultas acerca de quais indivíduos eram considerados detentores dos conhecimentos tradicionais, conforme os critérios metodológicos estabelecidos pela Socioterminologia (FAULSTICH, 1995), a exemplo do desenvolvimento deste estudo em parceria com os especialistas da comunidade Paresi. Diante disso, exibimos no quadro a seguir o perfil dos colaboradores que nos auxiliaram no decorrer desta pesquisa

Quadro 01: Perfil dos colaboradores

COLABORADOR	ESPECIALIDADE	SEXO	COMUNIDADE	CODIFICAÇÃO
C1	Cacique, Pajé, cantor e contador de narrativas tradicionais	M	Santa Vitalina	C1M CPC
C2	Cacique e contador de narrativas tradicionais	M	Rio Formoso	C2M CC

Fonte: Produzido pelas autoras (2023)

As informações presentes na coluna “Codificações” podem ser interpretadas da seguinte forma: **C1** (utilizado para fazer referência ao colaborador 1); **C2** (utilizado para

fazer referência ao colaborador 2); **M** (relativo ao sexo do colaborador da pesquisa) e **CPC** (cacique, pajé e contador de narrativas tradicionais). É importante frisar que, antes de iniciarmos os trabalhos, conversamos com as lideranças locais da comunidade Paresi e com os colaboradores deste estudo acerca da importância do registro terminológico da fauna e a produção do glossário ora proposto, como ferramenta auxiliar no ensino de língua materna e no processo de revitalização, fortalecimento e manutenção do Paresi.

3.3 O banco de dados Flex

Os dados oriundos do processo de elicitación utilizados para a composição da obra proposta por este estudo foram organizados e tratados no programa computacional *FLEX* (*Fieldworks Language Explorer*). Ademais, utilizamos os dados presentes no banco de dados da língua (disponível no *FLEX*), composto por 2406 itens lexicais e 58 narrativas relacionadas às narrativas orais, histórias de vida, benzenções, conversas e descrições de atividades tradicionais ou de lugares. Este programa consiste em uma ferramenta que auxilia no gerenciamento de dados linguísticos e culturais e fornece ao pesquisador a possibilidade de suporte a tarefas que vão desde o armazenamento e análise de dados lexicais até a produção de produtos terminológicos, como o proposto por este estudo. Optou-se pela utilização deste suporte, pois, conforme mencionado anteriormente, este permite a inserção e armazenamento de dados/informações de dados lexicais empregados na utilização de obras terminológicas. Ademais, esta ferramenta permite a inserção de campos específicos, a exemplo do nome em língua indígena, nome científico, notas antropológicas, informações socioculturais, entre outros.

Figura 02: Entradas relativas ao campo semântico da fauna em Paresi no banco de dados disponível no *FLEX*

Forma da Letra	Classe	Domínio Semântico	Forma Positiva	Categoria Gramatical	Tipo de Morfema	Data
ahitewini	cobra de urucum	1.6 - Animal		Substantivo	stem	11/12
nhoza	lobo guará	1.6 - Animal		Substantivo	stem	22/06
ahozahalali	papagaio do mangue	1.6 - Animal		Substantivo	stem	12/07
alataise	tatu bolinha	1.6 - Animal	-za	Substantivo	stem	10/13
alomalote	papagaio cinzento	1.6 - Animal		Substantivo	stem	12/08
alome	lugio	1.6 - Animal		Substantivo	stem	22/06
atyahore	coba cipó	1.6 - Animal		Substantivo	stem	11/11
awo	ema	1.6.1.2 - Bird; 1.6 - Animal		Substantivo	stem	04/11
awomatxihi	coba cipó	1.6 - Animal			phrase	10/09
bowi	boi	1.6 - Animal	-za	Substantivo	stem	10/13
ezoahitita	gaivota	1.6 - Animal		Substantivo	stem	12/12

Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2022)

4 Discurso especializado dos *otyahaliti*

Em Mesquita *et al.*, (no prelo), foram abordados os tipos de variações existentes na língua Paresi, sendo os principais tipos atestados: variação diatópica (ou geográfica), diageracional e diafásica. O caso mais interessante que deu origem a esta pesquisa foi o da variação diafásica. De acordo com as autoras, essa variação parece estar relacionada principalmente à situação de uso das variantes, já que algumas são usadas em momentos específicos como em festas tradicionais, rituais sagrados, orações, cânticos de cura, dentre outros contextos, enquanto outras variantes são usadas no dia a dia da comunidade. Estima-se que, dos etnotermos da fauna presentes ao longo do glossário, pelo menos 42 ocorram como variantes do tipo mencionado acima, chamadas aqui de variantes do discurso especializado, que emerge das vozes das pessoas conhecidas como *otyahaliti* ‘sábios’: pajés, cantores e contadores de narrativas orais. Nos seguintes parágrafos, iremos descrever cada uma dessas funções na sociedade Paresi para uma melhor compreensão de como funciona o discurso especializado.

Estabelecido como um conceito amplo, a definição de pajé varia de etnia para etnia. Para os Paresi, a concepção de pajé está atrelada a uma figura de extrema relevância para a comunidade, descrito como o indivíduo “[...] cujo espírito detém a capacidade de curar e se comunicar com outros espíritos”. (ARONI, 2011, p. 64). Conforme informações obtidas junto ao colaborador C1 (cacique, pajé, cantor e contador de narrativas

tradicionais), o indivíduo nasce com o dom xamânico de realizar cura, porém, este deve ser desenvolvido constantemente no decorrer da vida. Esse indivíduo é escolhido para desempenhar tal função por um espírito ancestral por meio de um sonho, devendo observar e respeitar uma série de restrições, além de praticar continuamente os ensinamentos que lhe são transmitidos, caso contrário perderá o dom recebido. Ademais, é responsável por oferecer orientação e incentivo à comunidade a qual está inserido. Aroni (2011) destaca ainda que por ser responsável pelo estabelecimento da comunicação com os espíritos, oferecimento de oferendas, ser amplo conhecedor das narrativas, rituais e cânticos tradicionais, o pajé é considerado um exímio especialista e detentor de sabedoria.

Paralelo à existência do pajé, verifica-se nas comunidades Paresi a presença dos indivíduos conhecedores das músicas ancestrais, os cantores. Estes são compostos em sua grande maioria por homens (que comumente estudam desde criança - a partir dos 10 - 15 anos), notáveis conhecedores da cultura tradicional, dos cantos (*zerati*), dos locais e narrativas sagradas, interlocutores com os ancestrais, com os seres espirituais e responsáveis pela transmissão desse saber às novas gerações. Estes atuam em todas as ocasiões em que seu canto e música são importantes, como nas festas tradicionais específicas do seu povo. Alguns cantos ocorrem no interior das casas (*Hati*), a exemplo dos cantos associados ao *zolane* (uma dança circular masculina e feminina). Outro conjunto de cantos ocorre no pátio das aldeias, a exemplo dos associados às diferentes flautas *iyamaka* (dançada apenas por homens enfileirados). Para além destes, há um conjunto de cânticos e benzenções que não podem ser cantados e/ou gravados fora do contexto dos rituais sagrados (ARONI, 2015, p. 36).

Um dado relevante a esta discussão é a intrínseca relação estabelecida entre os cânticos sagrados e as narrativas orais. Consoante a Aroni (2011), estes são apontados como formas musicais das narrativas orais conhecidas pela comunidade Paresi, porém, com uma linguagem diferenciada, sendo, em grande parte, os termos cantados, pertencentes ao que o autor denomina "língua antiga", cujo conhecimento é majoritariamente restrito e privilegiado aos mais velhos e mais sábios. Em termos de conteúdo, os cantos tradicionais evocados pelos cantores Paresi “[...] narram as histórias dos antepassados que já morreram, espíritos que habitam patamares distintos e mantêm os mesmos hábitos Paresi, principalmente a realização de festas com o consumo de chicha”. (ARONI, 2011, p. 51).

Os contadores de narrativas orais são descritos como amplos detentores dos saberes específicos de sua comunidade. Na sociedade Paresi, as narrativas ocupam um lugar de destaque, constituindo “[...] a base para o conhecimento e percepção sobre o mundo”. (ARONI, 2011, p. 76). Em entrevistas com nossos colaboradores, verificamos que nem todos os indivíduos podem contar as narrativas, sendo esta prática restrita a grupos específicos, os quais gozam de amplo prestígio dentro de suas comunidades, a exemplo do pajé e cacique, considerados os mais sábios e especialistas na arte de falar. Quanto à prática do narrar, é necessário ressaltar que há sempre um narrador (figura principal) e um público ouvinte, composto em sua maioria por homens, mulheres, jovens e crianças. Ouvem-se as narrativas impreterivelmente à noite ou pela madrugada (segundo os costumes ancestrais), no interior das casas (*Hati*), conforme observado no registro a seguir durante nossa primeira viagem de campo. A maioria das variantes dos etnotermos se referem a animais que aparecem nessas narrativas e mais detalhes sobre essas ocorrências estão sendo investigados.

Atualmente, conforme constatado em campo e apontamentos realizados em Aroni (2021), há um número limitado de mestres, cantores e conhecedores dos cantos relacionados às práticas ritualísticas e culturais. Hoje, esta função encontra-se atrelada substancialmente aos mais falantes mais velhos e pajés das comunidades Paresi.

Na próxima seção, passaremos então à abordagem dos aspectos relativos à organização inicial do glossário Paresi. Cabe ressaltar que estas poderão sofrer alterações na versão final da obra proposta.

5 Proposta inicial de glossário etnoterminológico da fauna Paresi

Para a elaboração do glossário, tivemos por base a definição fornecida por Faulstich (1995, p. 6), segundo a qual um glossário corresponde a uma obra que exhibe termos relativos a uma área técnica ou científica, dispostos em ordem alfabética ou sistemática, podendo ou não apresentar remissivas, acompanhados de informações relativas aos aspectos gramaticais, definições e contextos de ocorrência.

A obra etnoterminológica, em processo de elaboração, que é apresentada neste trabalho compreende um glossário bilíngue Paresi - português da fauna, composto

inicialmente por 216 etnotermos, todos da categoria gramatical dos nomes. Possivelmente dentre estes etnotermos há 132 sem variantes e 84 com variantes, sendo 50% destas variantes relativas ao discurso especializado. Por exemplo, *hoze* ‘porco do mato’ é um etnotermo entrada que não possui variantes; já o etnotermo *menetse* ‘sucuri’ possui a variante do discurso especializado *anakitxihore*.

Quanto aos aspectos estruturais e organizacionais do glossário Paresi, considera-se os seguintes aspectos: macroestrutura (relativa às informações gerais e características externas da obra) e a microestrutura (relativa às informações que seguem a entrada), conforme descrevemos a seguir.

5.1 Macroestrutura do glossário

Uma parte desses etnotermos já foram organizados no programa FLEx. No momento, as entradas estão sequenciadas em ordem alfabética a fim de facilitar o manuseio dos consulentes e demais usuários (comunidade Paresi em geral; professores e alunos indígenas; pesquisadores de áreas afins, entre outros). Porém, há a possibilidade de organizar as entradas por categorias de acordo com a classificação dos animais feita pelos Paresi, o que irá ainda ser avaliado conjuntamente com os falantes.

Concernente ao sistema ortográfico, tendo em vista que não há uma ortografia estabelecida (cf. Lima-Sosinho, 2017), provisoriamente, adotamos no glossário Paresi a ortografia de cunho fonológico proposta em Brandão (2014), que é muito próxima da ortografia que está em elaboração por alguns professores indígenas da área de linguagem⁶. O quadro a seguir ilustra a ortografia e a ordem alfabética aplicadas no desenvolvimento do glossário ora proposto.

Quadro 02: Ortografia Paresi

A	B	E	F	H	I	K	LY	M	N	O	R	T	TS	TY	TX	W	X	Y	Z
---	---	---	---	---	---	---	----	---	---	---	---	---	----	----	----	---	---	---	---

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

⁶ A nova proposta elaborada pelos professores está sob supervisão das autoras, com previsão de ser discutida em encontro de professores indígenas Paresi a ser realizado ainda no ano de 2023.

Quanto à seleção das entradas, serão incluídas (inicialmente) no glossário Paresi os temas nominais, compreendidos majoritariamente por nomes simples. Além destes, os nomes compostos (apesar de minoritários), quando se referem a diferentes espécies de animais, bem como as variantes do discurso especializado também aparecem como entradas menores e não subentradas, para terem mais destaque no glossário. Para além disso, as entradas serão acompanhadas por ilustrações a fim de auxiliar no processo de compreensão dos termos presentes ao longo da obra.

Figura 03: Amostra do glossário da fauna Paresi



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Essa versão preliminar do glossário foi gerada com a ajuda do programa FLEx, após exportação do banco de dados lexical para o formato de dicionário que seja compatível com programas como o LibreOffice.

5.2 Microestrutura do glossário

Concebida como o elemento mais relevante de uma obra, a microestrutura é então delimitada por informações ordenadas que seguem as entradas. No glossário Paresi, adotaremos inicialmente para cada verbete a seguinte ordem observada no quadro abaixo:

Quadro 03: Organização da microestrutura dos verbetes do glossário da fauna Paresi

- I. Entrada;
- II. Indicação gramatical;
- III. Equivalência do termo Paresi em português;
- IV. Definição;
- V. Nota indicativa de variação linguística (quando está se fizer necessária);
- VI. Notas antropológicas e informações socioculturais;
- VII. Contexto de ocorrência;
- VIII. Ilustração;
- IX. Campo semântico;
- X. Nome científico.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

No item IV, definição, a priori, estamos inserindo a definição científica do animal encontrada nos dicionários, haja vista que devido ao curto período destinado à nossa estadia em campo, não pudemos coletar definições geradas pelos Paresi. O item V é destinado às variantes do etnotermo, que no caso da fauna, podem ser tanto referentes ao discurso especializado, quanto à variação geográfica (o tipo também é indicado no glossário). Já as informações de cunho enciclopédico, item VI, podem aparecer tanto na entrada principal, quanto na entrada menor da variante do discurso especializado (nessa última menciona-se em que contexto cultural a variante é utilizada). No item VII, contexto de ocorrência, estamos inserindo os exemplos onde o etnotermo ocorre no banco de dados de textos, que também está organizado no programa FLEEx.

O verbete constitui o campo em que estão reunidas as informações relativas às entradas. Na figura 04, ilustramos como estas informações estão inicialmente organizadas no verbete do glossário Paresi para a entrada principal do etnotermo *awo* ‘ema’.

Figura 04: Verbetes para a entrada *awo*



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Os termos presentes no verbete apresentado na figura acima estão relacionados às seguintes categorias: *awo* (corresponde a entrada do verbete), *ameremakalore* (variante específica), *n* (classe gramatical a que o termo pertence, no caso desta entrada, a categoria gramatical nome). Após isso, verificamos o contexto de ocorrência do termo em uma narrativa, seguida da sua tradução em português, nome científico, referido como *Rhea americana*, domínio semântico, neste caso, o termo em destaque pertence à classe das aves, seguida da imagem do referido animal.

Já a figura 05 ilustra a entrada menor para *ameremakalore* referente à variante do discurso especializado.

Figura 05: Verbetes para a entrada menor *ameremakalore*

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo discutir questões relacionadas à pesquisa sobre os etnotermos da fauna Paresi, que está ainda em desenvolvimento visando

dissertação de mestrado da autora principal. Apresentamos o aporte teórico e metodológico utilizados para analisar os etnotermos com base na Socioterminologia e Etnoterminologia. Como resultado dessa pesquisa, está sendo elaborada uma proposta inicial de glossário etnoterminológico que até então contém 216 entradas.

O glossário está sendo produzido em colaboração com os falantes da língua e tem por finalidade o registro desse conhecimento sobre a fauna, que hoje é restrito a poucas pessoas, e, principalmente do discurso especializado, só utilizado pelos *otyahaliti*. A produção científica de obras semelhantes a esta é de extrema relevância tanto para a comunidade acadêmica, como para as comunidades indígenas. Para além disso, os estudos na área de Etnoterminologia do conhecimento das comunidades indígenas, constitui-se como um trabalho de extrema relevância, haja vista que tenta dialogar mais com a área da antropologia a fim de poder compreender um pouco mais da visão de mundo dos Paresi. No caso das comunidades Paresi, a pesquisa contribui para o registro, fortalecimento e manutenção da riqueza linguística e sociocultural através da descrição e documentação desses aspectos.

REFERÊNCIAS

ARONI, Bruno Oliveira. **A Casa da Jararaca: Artefatos, mitos e música entre os Paresi**. Dissertação de Mestrado. Universidade federal do Rio de Janeiro, 2011.

_____. **A Casa da Jararaca: artefatos, mitos e música entre os Paresi**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

_____. **Oloniti Kalorese: sobre chicha, flautas e relações entre os Haliti**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. Editora: Edusp. São Paulo, 2004

BOULANGER, J.-C. "Une lecture socio-culturelle de la terminologie". *Cahiers de linguistique sociale*. (18). pp. 13-30. 1991

BRANDÃO, Ana Paula. **A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)**. 457f. Tese de doutorado. University of Texas at Austin, 2014.

COSTA, N. M. P.; GOMES, D. M. **(Etno)terminologia na (etno) medicina Mundurukú**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín, p. 3412-3423. 2011

_____. **Estudo Etnoterminológico Preliminar do Sistema de Cura e Cuidados do Povo Mundurukú (Tupí)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Brasília, 2013.

_____. **Etnoterminologia na língua Mundurukú (Tupí): sistema de cura e cuidado na voz de pajés, parteiras e puxadores de desmentiduras**. Tese de Doutorado. Universidade Nacional de Brasília, 2017.

EAZOKEMAE, João Q. **Dicionário Paresi – Haliti**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Mato Grosso, 2006.

FAULSTICH, E. **Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista**. TradTerm, 7. 2001. pp. 11 - 40.

_____. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina**. In: Ciência da Informação, [S.I.: s.n.], v. 24, nº 3, 1995a.

_____. **Para gostar de ler um dicionário**. In: RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. (Org.). **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas**. 1ª ed. São Luís, v. 1, p. 166-185. UFMA, 2010.

_____. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica**. In: Ciência e Cultura. Vol. 58, nº.2, p. 27-31. São Paulo, 2006.

_____. **Socioterminologia: termo e variação**. Universidade Federal de Brasília –UnB. Brasília-DF, 2010a.

_____. **Para gostar de ler um dicionário**. In: RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. (Org.). **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas**. 1ª ed. São Luís, v. 1, p. 166-185. UFMA, 2010b.

GAUDIN, F. **Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie**. Duculot. Bruxelas, 2003.

KEZOMAE, Angelo. **Dicionário de palavras em desuso e seus correspondentes atuais**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade estadual do Mato Grosso, 2006.

LARA, L. F. **Término Y cultura: hacia una teoría del término**. In: CABRÉ, M. T. **Terminologia y modelos culturales**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra / Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999, p. 39-60.

LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda. **Levantamento Sociolinguístico do Léxico da Língua Apurinã e sua contribuição para o conhecimento da cultura e história Apurinã (Aruák)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém: 2016.

_____. **Estudo do léxico da língua Apurinã: Uma proposta de macro e microestrutura para o dicionário Apurinã**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará, Belém: 2020.

LIMA - SOSINHO, L. **Revisitando aspectos da fonologia e ortografia Paresi**. Anais do I Congresso de Línguas Indígenas do Mato Grosso, 2017.

_____. **Variação lexical em Paresi-Haliti: levantamento sociolinguístico do duplo vocabulário**. Trabalho de conclusão de curso, 2018.

MESQUITA, Amanda. **Análise inicial das construções estativas e traço de controle em Paresi**. Anais do V Ciella, 2016.

_____. **Nova proposta de classificação das construções intransitivas em Paresi-Haliti (Aruák)**. Anais do I Congresso de Línguas Indígenas do Mato Grosso, 2017.

_____. **Verbo ou adjetivo? Análise inicial das palavras descritivas em Paresi (Aruák)**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Pará, 2018.

_____.; LIMA-SOSINHO, I; BRANDÃO, A. **Revisitando os aspectos da variação lexical no vocabulário da fauna em Paresi-Haliti**. Revista Sociodialeto, 2022.

PEREIRA, E. **Formação de palavras: a composição na língua Paresi (Aruák)**. Anais do I Congresso de Línguas Indígenas do Mato Grosso, 2017.

ROWAN, Orland. **A Phonemic Statement of Paresi**. Cuiabá: SIL, 1961.

_____. **Idiati xawaiyehalakatyakala: Dicionário Paresi-Português**. Cuiabá, SIL, 2001.

_____.; BURGEES, Eunice. **Gramática Parecis**. Cuiabá, SIL, 1969.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOUSA, A. **A ordem dos constituintes e o discurso em Paresi-Haliti**. Anais do I Congresso de Línguas Indígenas do Mato Grosso, 2017.

REIS, Jaqueline. **Socioterminologia de plantas medicinais em Parkatêjê**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, 2017.

SILVA, Glauber. **Fonologia da língua Paresi-Haliti (Aruák)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

_____. **Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2013.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y la lexicografía terminológica.** Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 1998.